

Aliança PFL-PSDB corre risco nos Estados

CONFUSÕES DAS DISPUTAS REGIONAIS

Coligações para chapas locais poderão atrapalhar conclusão do acordo nacional entre os dois partidos para apoiar candidatura de Cardoso à Presidência, e poderão torná-lo inviável em alguns casos

VANDA GÉLIA

BRASÍLIA — Se vingar a aliança PSDB-PFL, o ministro Fernando Henrique Cardoso terá lugar no palanque dos candidatos pefelistas para fazer sua campanha à Presidência, certo? Errado. Se os dois partidos estarão juntos em Alagoas e Pernambuco, independentemente da campanha presidencial, na Bahia ocorre o inverso: os tucanos rejeitam seus conterrâneos do PFL, embora muitos tenham a mesma origem política: a extinta Arena.

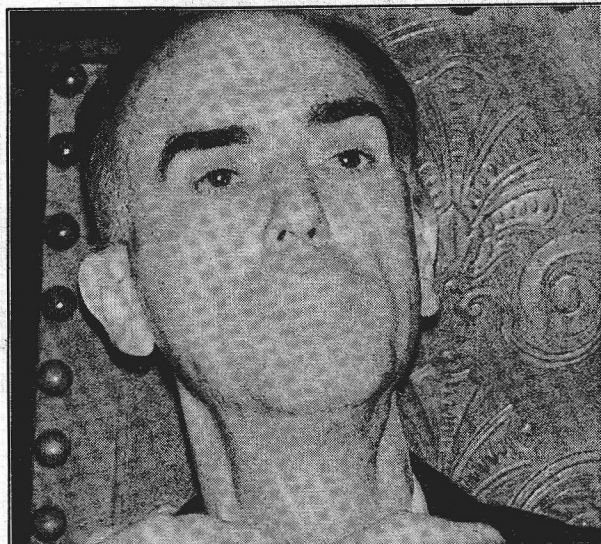
Também o senador Mário Covas e o ex-governador Orestes Quêrcia saíram do MDB e hoje são adversários ferrenhos em São Paulo, onde PMDB e PSDB não se juntam. Mas no Rio Grande do Norte, um mesmo grupo político se dividiu entre PMDB e PSDB. São a mesma coisa.

Esses exemplos se repetem em vários Estados. Não há critério. Velhos adversários podem se transformar em fortes aliados. Ou vice-versa. Para uma aliança, mais importa o inimigo comum do momento; para afastar grupos basta a antipatia pessoal. Diferenças políticas ou ideológicas podem ser superadas do dia para a noite. Disso não escapa nem o PT. "Se der Lula e Brizola no segundo turno, fico com Lula", avisa o líder do PFL na Câmara, Luís Eduardo Magalhães (BA). Com coligações liberadas e sem fidelidade partidária, a única regra partidária que existe pa-

ção, enquanto o PFL a coloca como bandeira maior de seu programa.

O pragmatismo sempre fala mais alto. Por exemplo, o PMDB de Alagoas acertou-se com PSDB e PFL, mas no Ceará esse acordo é impossível, pois o maior adversário do PMDB é o PSDB. "É este o saldo da liberdade de coligação e da ausência da fidelidade partidária", diz Luís Eduardo.

O resultado é que a sucessão presidencial não fortalece partido nenhum porque as eleições nos Estados dependem dos arranjos de cada candidato a deputado, gover-



Maciel: aproximação com o PDT irrita baianos

na disciplinar alianças e coligações é: não há regra. As seções estaduais e a direção nacional dos partidos não precisam estar no mesmo palanque.

No quadro político nacional, hoje, só se pode apostar que o PPR do prefeito Paulo Maluf não estará no palanque do PT de Luiz Inácio Lula da Silva. Os programas partidários valem pouco. Exemplo: para desgosto do PFL da Bahia, o senador Marco Maciel (PE) já se reuniu com o governador Leonel Brizola (PDT) para tratar de sucessão presidencial. No encontro, devem ter esquecido que nunca votaram juntos, por exemplo, em questões econômicas. É impossível imaginar um programa de governo dos dois partidos vendo as votações no Congresso. O PDT sempre condenou a privatiza-

nador ou senador. O presidente, como ocorreu com Fernando Collor, pode ser eleito por um partido fictício e não ter sustentação no Congresso. Terá de conquistá-la durante o mandato, pela política que adotar ou pela barganha de cargos e favores. "É uma tragédia", diz o deputado Sigmaringa Seixas (PSDB-DF).

O pior é a falta de perspectivas de mudanças. A revisão constitucional não conseguiu nada até aqui. A proposta de fidelidade partidária, que evitaria troca-troca de partidos, só deverá vigorar a partir de 1997, se aprovada. "Sem reforma política vamos ter sucessivos governos de crise", afirma o deputado José Genoíno (PT-SP). E a crise deverá se estender aos Estados pelo "imbroglio" das coligações sendo negociadas.

Em Santa Catarina, o PFL prefere coligar-se com o PPR de Paulo Maluf. Na Bahia, o PFL do governador Antônio Carlos Magalhães deverá votar em Fernando Henrique Cardoso. E o que pretende fazer o partido do ministro, o PSDB baiano? "Vamos subir no palanque do PT", avisa o deputado Waldir Pires. Os peemedebistas gaúchos, liderados por Antônio Brito e contrários a Orestes Quêrcia, votarão em bloco em Cardoso? Ninguém sabe, porque o senador Pedro Simon ameaça votar em Lula.

Pernambuco — PMDB, PSDB e PFL pretendem apoiar o prefeito do

Recife, Jarbas Vasconcelos (PMDB), contra o candidato do PSB, Miguel Arraes, líder nas pesquisas. A aliança é uma espécie de "franquia" regional da coligação nacional que o PFL quer fazer para apoiar Cardoso.

São Paulo — O PSDB tem no PMDB quercista seu maior adversário. O senador Mário Covas, candidato tucano ao governo, lidera as pesquisas, e está excluída a hipótese de coligação no primeiro turno, seja com PT, seja com PPR. O PFL quer apoiar Covas, mas há resistências.

Minas Gerais — O PFL trabalha por uma chapa liderada pelo candi-

dato do PP, Hélio Costa. O ex-prefeito de Belo Horizonte Eduardo Azeredo (PSDB) é cotado para vice. Mas o governador Hélio Garcia não foi contemplado e Costa prefere seu apoio.

Bahia — No PSDB, o deputado Jutahy Júnior, que esperava aprovação pacífica para sua candidatura, começa a sofrer resistência de alguns setores, que preferem Waldir Pires. O PMDB está isolado com Ruy Bacelar. O campeão das pesquisas é o ex-governador João Durval (PMN), mas ACM ainda não entrou no jogo. Ele tende a apoiar seu vice, Paulo Souto, e o quadro deve mudar. (V.C.)



ALIANÇAS

HOJE, SÓ SE
PODE APOSTAR
NA OPOSIÇÃO
ENTRE PPR E PT